

e n t r e

A M I R A G E M

e a

F U L I G E M

E D E R S O N

N U N E S

**Editora Penalux**  
*Guaratinguetá, 2022*

## A Dor

A dor cava buracos no peito das pessoas  
E faz dançar a gente nos seus passos que ensinou

A dor estava lá quando as crianças foram mortas  
E estava lá também na festa dos algozes  
E no leito do facínora  
E na toca dos ladrões

A dor estava ausente  
Quando a semente foi plantada  
Mas presente estava a dor quando a terra foi rompida  
E a flor cresceu depressa atravessando o solo fraco  
E a flor foi arrancada pela mão de um inocente

A mão do inocente tem o poder total da dor  
Quando toca a coisa suja  
Faz o mal morrer gritando  
E ao tocar o peito em frio  
Faz da vida um monstro quente

Quando chega a dor pungente  
As pessoas se encolhem  
A proteger o bem maior: a ilusão do corpo-seu

A dor se alastra grande nos lares mais perfeitos  
Faz cair a machadinha  
Faz o choro vir mais perto

Olhares de soslaio a dor tem  
Procurando lodo em parques e miasmas em jardins

A dor não suporta os remédios lenitivos  
Ou as drágeas de aspirina  
Nem a química dos cicatrizantes

A dor adora as matemáticas complicadas  
E os professores que aborrecem  
E os fios desencapados e os dentes estragados e os ossos mal  
posicionados

Nas salas de tortura a dor tem alegrias  
E ri seu riso horrendo  
Que sacode o mundo inteiro

O sangue pelo chão e nas paredes  
E a saliva escorrendo da boca contorcida  
É a arte que a dor faz: esculturas pós-modernas

## Lantejola

Por ti, que não vens, eu espero  
E a cada chegada que não é a tua  
Mais sinto falta do amor que não tenho

E o resto do mundo vomita de náuseas  
E o resto do mundo mal-cria seus filhos

E eu sempre espero por ti que nunca me acenas

Nas curvas, nos campos, nos mares, nos cantos  
Procuro por ti, eu grito teu rosto  
E tu nunca chegas  
Nem te aproximas, nem ficas

Mas para mim estás sempre partindo  
E eu fico e dissipo adeuses pra ti que já foste

E o resto do mundo parece feliz  
E o resto do mundo se encontra com os seus  
E forja sorrisos pra mim agressivos

E tu, invisível, me incomodas  
És lantejola em dia de luto

## ... Sofia

Quem escuta tua voz, Sofia?  
Quem sabe se o canto que cantas  
Tem notas de choro ou de alegria?

Quem percebe teus risos, Sofia?  
Quem pode dizer se gargalhavas  
Ou se sangravas por dentro enquanto sorrias?

Quem conhece teus passos, Sofia?  
Ou ninguém mais conhece  
E quando tu andas tu existes sozinha?

Quem sabe o que sonhas, Sofia?  
Quem se importa com o que tu sentes?  
Ou nunca se importam e os teus olhos,  
Embora tão vivos, são descontentes?

Quem entende tua letra, Sofia?  
Ou disfarças tua letra de um jeito bonito  
Pra que todos entendam tua grafia?

Quem declama teus versos, Sofia?  
Ou não encontras ninguém, ninguém  
Que goste de ler a tua poesia?

Quem te diz as verdades, Sofia?  
Quem se banha contigo na fonte?  
Quem quebra o silêncio por ti?  
Quem te salva da queda na ponte?

Ou ninguém te salva, Sofia,  
E quando despencas, afundas depressa  
Sem nem perturbar a tarde vazia?

## Imenso som

Cada hora da noite tem a mesma luz  
Cada minuto a mesma adaga  
Cada passo que dou deixa a mesma marca

Os gritos no meio da noite  
Não têm seus sons verdadeiros  
Soam sempre imensos  
São gritos que ouço com medo

Os olhos da moça são foscos à noite  
O tom castanho é mais escuro  
A pupila dilata e revela sua fome de futuro

As paixões que nascem à noite  
Fulgem seus pecados ardentes  
Nas camas, nos cantos, onde podem acontecer  
E, como todo noctâmbulo, têm medo do amanhecer

## Desconhecimento

Eu não conheço as pessoas  
Conheço seus nomes, não conheço as pessoas  
Conheço suas vozes, conheço seus passos  
Mas não conheço as pessoas

Conheço suas letras, suas cores, seus gestos com as mãos  
Conheço suas casas de campo, suas frases comuns  
Mas, realmente, não conheço as pessoas

Conheço suas festas, seu riso contido  
Seus vícios legais  
Conheço seu jeito de dizer palavras sem nada por dentro  
Mas as pessoas mesmo eu não conheço

Conheço suas roupas ao longe, seu cabelo cortado  
Conheço seu braço mais torto, suas costas curvadas,  
Sua simbologia, sua face de espanto  
Conheço as bolsas que usam, seus trajes de gala  
Seus dentes não-muito-brancos  
Eu sei de onde vieram, sei que não vão ficar  
Sei a idade da sogra, do primo, do irmão  
Mas eu não sei quem as pessoas são



---

Poemas de Ederson Nunes  
Escritos de 1998 a 2005. Revisitados em 2021.

---



LIVROS ILUMINAM



---

Este livro foi composto em Sabon Next LT  
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em janeiro de 2022.

---